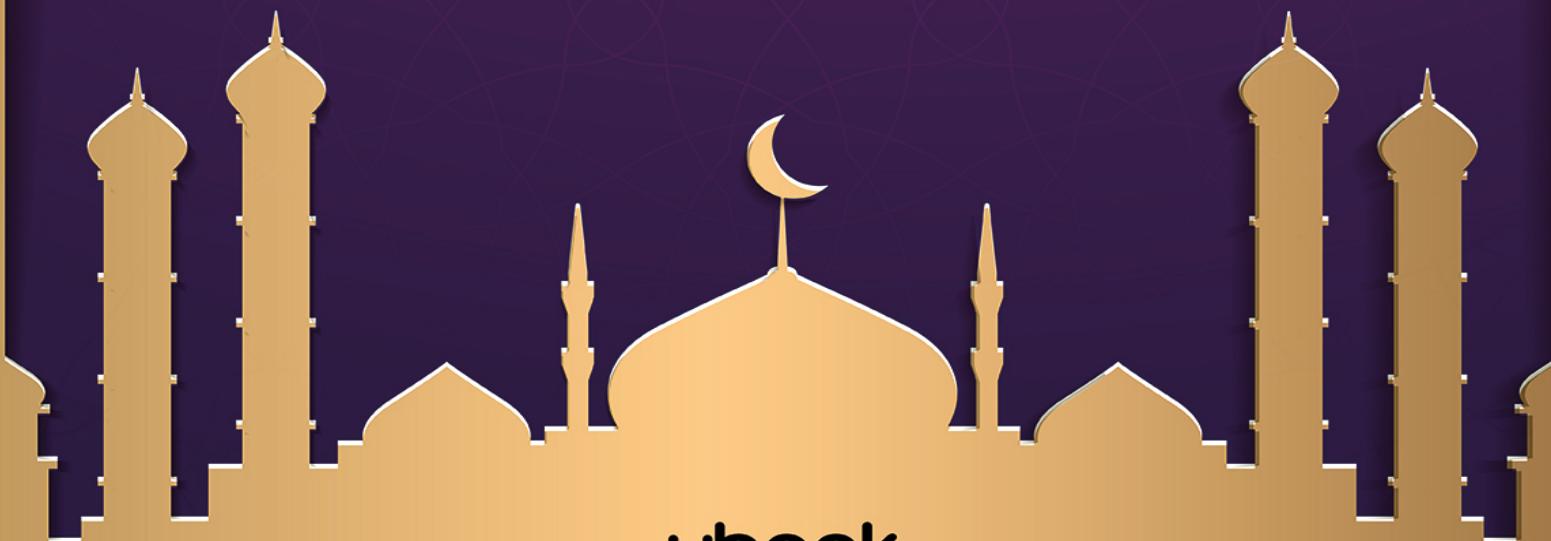




KHALIL GIBRAN

Profeta

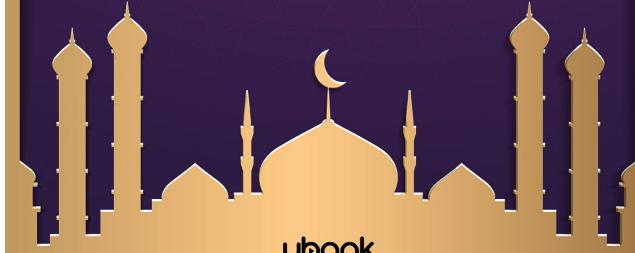


ubook



KHALIL GIBRAN

O Profeta



ubook

KHALIL GIBRAN

O Profeta

Tradução
UBK Publishing House

ubook ubk
Publishing House

Copyright da tradução © 2022, Ubook Editora S.A

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.



COORDENAÇÃO Alessandra Brito

EDIÇÃO Fernanda Barreto

COPIDESQUE Christian Danniel

REVISÃO Emerson Xavier e Brenda Yoshioka

CAPA E PROJETO GRÁFICO Clarissa Duarte

DIAGRAMAÇÃO E CONVERSÃO EPUB Cristiano Marques

IMAGEM DE CAPA agungkreatif | Adobe Stock

IMAGEM DO MIOLO azat1976, Alexander Bashkirov | iStock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gibran, Khalil, 1883-1931

O profeta [livro eletrônico] / Khalil Gibran ; tradução UBK Publishing House. -- Rio de Janeiro, RJ : Ubook Editora, 2022.

ePub

Título original: The prophet

ISBN 978-85-9556-399-5

1. Ficção libanesa I. Título.

22-101781 CDD-L892.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura libanesa L892.7

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

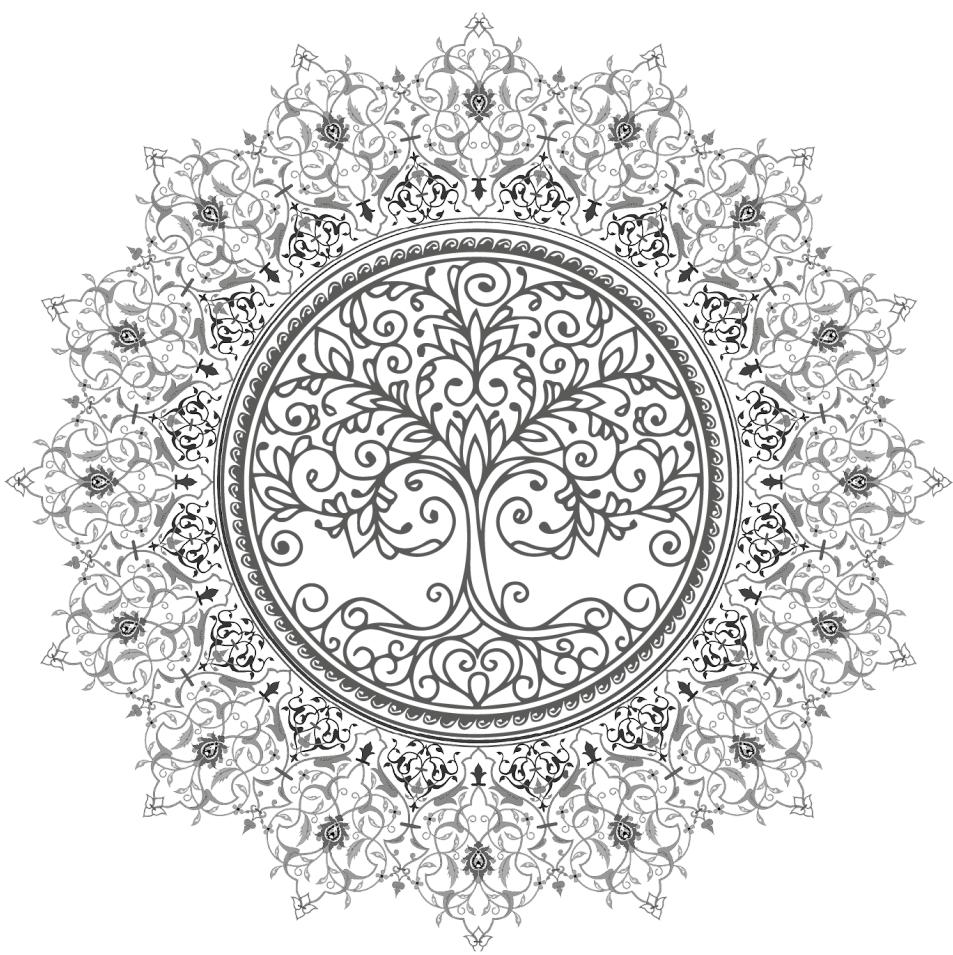
Ubook Editora S.A

Av. das Américas, 500, Bloco 12, Salas 303/304,

Barra da Tijuca, Rio de Janeiro/RJ.

Cep.: 22.640-100

Tel.: (21) 3570-8150





Almustafa, o eleito e amado, na aurora de seu dia, esperara doze anos na cidade de Orphalese pelo retorno de seu navio, que o levaria de volta à ilha onde nasceu.

No décimo segundo ano, no sétimo dia de Ielool, no mês da colheita, ele subiu a colina além das muralhas da cidade e olhou para o mar. Lá, viu seu navio chegando com o nevoeiro.

Então, as portas de seu coração se abriram, e sua alegria voou para longe sobre o mar. E ele fechou os olhos e rezou nos silêncios de sua alma.

Porém, enquanto descia a colina, a tristeza o dominou, e pensou com o seu coração:

“Como posso partir em paz e sem tristeza? Não, não é sem uma ferida na alma que deixarei esta cidade. Passei longos dias de dor dentro de suas muralhas e longas noites de solidão; e quem pode abandonar sua dor e solidão sem lamentar?

Espalhei tantos fragmentos da alma por estas ruas e tantos filhos do meu anseio caminham nus por entre essas colinas, e não posso me afastar deles sem dor e sem pesar.

Não estou me despindo de uma roupa hoje, mas de uma pele que arranco com minhas próprias mãos.

Nem é um pensamento que deixo para trás, mas um coração abrandado pela fome e pela sede.

No entanto, não posso ficar mais tempo.

O mar, que chama todas as coisas para si, me chama e devo embarcar.

Pois ficar, embora as horas ardam à noite, seria congelar, cristalizar e ficar preso em um molde.

Levaria com prazer tudo o que há aqui. Mas como poderia?

A voz não pode levar a língua e os lábios que lhe deram asas. Sozinha, deve procurar o éter.

E sozinha, sem seu ninho, a águia voará sobre o sol.”

Ao chegar ao pé da colina, voltou-se de novo para o mar e viu seu navio se aproximar do cais. Na proa, estavam os marinheiros, homens de sua terra natal.

E sua alma clamou pelos homens, e ele disse:

“Filhos de minha velha mãe, cavaleiros das marés, quantas vezes vocês já navegaram em meus sonhos... E agora, chegam em meu despertar, que é o meu sonho mais profundo.

Estou pronto para ir, e minha ânsia com as velas infladas aguarda o vento.

Só mais um sopro neste ar parado, só mais um olhar amoroso lançarei para trás, e então estarei entre vós, um marinheiro entre marinheiros.

E você, vasto mar, pai insone, que é paz e liberdade para o rio e para o riacho, só outra torrente fará esse fluxo, só outro murmúrio nessa clareira.

E então irei até você, uma gota infinita em um oceano infinito.”

Enquanto caminhava, ele viu ao longe homens e mulheres deixando seus campos e videiras, apressando-se para os portões da cidade.

Ouviu as vozes chamando seu nome, gritando de campo em campo, contando uns aos outros sobre a chegada do navio.

Ele disse a si mesmo:

“Será o dia da despedida, o dia do encontro?

E será que dirão que minha alvorada era, na verdade, minha aurora?

E o que darei àquele que deixou seu arado no meio da terra ou àquele que parou a prensa em seu vinhedo? Meu coração se tornará uma árvore carregada de frutos que eu possa recolher e dar a eles?

Meus desejos fluirão como uma fonte para que eu possa encher seus copos?

Serei uma harpa para que a mão do Todo-Poderoso possa me tocar ou uma flauta, para que seu sopro possa me atravessar?

Sou um caçador de silêncios, que tesouro descobri nos silêncios que possa compartilhar com confiança?

Se este for meu dia de colheita, em que campos semeei a semente, e em que estações esquecidas?

Se esta é realmente a hora de levantar minha lanterna, não será minha chama que queimará nela.

Vazia e apagada, erguerei minha lanterna, e o guardião da noite deverá enchê-la com óleo e também acendê-la.”

Disse isso com palavras, mas muito em seu coração permaneceu não dito. Pois ele mesmo não era capaz de dizer seu segredo mais profundo.

E quando ele entrou na cidade, todos vieram ao seu encontro e clamavam por ele em uníssono.

Os anciãos da cidade se ergueram e disseram:

“Não nos deixe ainda.

Você foi um sol brilhante em nosso crepúsculo, e sua juventude nos deu sonhos para sonhar.

Você não é um estranho entre nós, nem um hóspede, mas nosso filho e nosso amado.

Que nossos olhos não sofram ainda ao buscar o seu rosto.”

E os sacerdotes e as sacerdotisas lhe disseram:

“Que as ondas do mar não nos separem agora, e os anos que você passou conosco não se tornem uma lembrança.

Você caminhou entre nós em espírito, e sua sombra tem sido uma luz sobre nossos rostos.

Muito o amamos. Mas nosso amor foi silente e encoberto com véus.

No entanto, agora ele clama por você e se revela diante de ti.

É sempre assim, não conhecemos a profundidade do amor até a hora da separação.”

E outros também vieram e pediram que ficassem. Mas ele não os respondeu. Apenas baixou a cabeça; e os que estavam próximos viram as lágrimas caindo sobre seu peito.

Ele e as pessoas seguiram em direção à grande praça em frente ao templo. E, do santuário, saiu uma mulher chamada Almitra. Ela era sacerdotisa.

Ele a olhou com muita ternura, pois foi ela quem o procurou primeiro e acreditou nele, quando fazia apenas um dia que estava na cidade. A sacerdotisa o cumprimentou, dizendo:

“Profeta de Deus, que busca o que está além, por muito tempo observa o horizonte em busca do seu navio.

E agora seu navio chegou, e você precisa partir.

Profundo é seu anseio pela terra de suas lembranças, morada de seus maiores desejos; e nosso amor não o amarrará nem nossas necessidades o prenderão.

No entanto, pedimos-lhe, antes de nos deixar, que fale conosco e nos ofereça sua verdade.

E nós a daremos a nossos filhos, e eles a seus filhos, e ela não perecerá.

Em sua solidão, você viu nossos dias, e em sua vigília, ouviu o choro e o riso de nosso sono.

Por isso, neste instante, revele a nós mesmos e conte-nos tudo o que lhe foi mostrado sobre o que há entre o nascimento e a morte.”

E ele respondeu:

“Povo de Orphalese, do que posso falar, a não ser daquilo que se move agora mesmo dentro de suas almas?”

Então Almitra disse:

“Fale sobre o *amor*.”

Ele ergueu a cabeça, olhou para o povo, e pairou um silêncio sobre eles. Com uma voz potente, ele disse:

“Quando o amor acenar para vocês, sigam-no, embora seus caminhos sejam difíceis e íngremes.

E quando as asas dele os envolverem, rendam-se a ele, embora a espada escondida entre suas plumas possa feri-los.

E quando ele falar com vocês, acreditem, embora sua voz possa acabar com seus sonhos, como o vento norte arrasa o jardim.

Pois assim como o amor os glorifica, ele também os crucificará. Assim como ajuda em seu crescimento, ele faz a mesma coisa em sua poda.

Assim como sobe à sua altura e acaricia seus galhos mais tenros, que tremem ao sol, também descerá às suas raízes e as sacudirá onde se

entranham na terra.

Como feixes de trigo, ele os junta a si.
Ele os debulha para deixá-los nus.
Ele os peneira para livrá-los da sua palha.
Ele os mói até a brancura.
Ele os amassa até ficarem flexíveis...

E então os destina a seu fogo sagrado, para que se tornem o pão sagrado no banquete sagrado de Deus.

O amor fará todas essas coisas com vocês, para que possam conhecer os segredos de seu coração e assim se tornar um fragmento do coração da Vida.

Mas se por medo buscarem apenas a paz do amor e o prazer do amor, então é melhor cobrirem sua nudez e saírem da eira do amor para o mundo sem estações, onde vocês rirão, mas não todas as risadas, e chorarão, mas não todas as lágrimas.

O amor não oferece nada além de si mesmo e não exige nada além de si mesmo.

O amor não possui nem será possuído; pois o amor em si é suficiente.

Quando se ama não se deve dizer: ‘Deus está em meu coração’, mas sim: ‘Estou no coração de Deus’.

E não pense que é possível dirigir o curso do amor, pois o amor, se o julgar digno, direciona seu curso.

O amor não tem outro desejo senão realizar a si mesmo.

Mas se amarem e tiverem outros desejos, que sejam estes:

Dissolver-se e ser como um rio que corre e canta sua melodia à noite.
Conhecer a dor de tanta ternura.

Ferir-se pela sua própria compreensão do amor; e sangrar de bom grado e com alegria.

Acordar ao amanhecer com um coração alado e agradecer por mais um dia de amor; descansar ao meio-dia e meditar o êxtase do amor; voltar para casa com gratidão ao entardecer; e depois dormir, com uma oração para o ser amado no coração e um canto de louvor nos lábios.”

Então Almitra tornou a falar e disse:

“E quanto ao *casamento*, mestre?”

E ele respondeu dizendo:

“Vocês nasceram juntos e juntos permanecerão para sempre.

Estarão juntos quando as asas brancas da morte dispersar seus dias.

Sim, estarão juntos mesmo na lembrança silenciosa de Deus.

Mas que haja espaço na união, e que os ventos celestiais dancem entre vocês.

Amem uns aos outros, mas não se aprisionem nesse amor; que ele seja um mar em movimento entre as fronteiras de suas almas.

Encham a taça um do outro, mas não bebam de uma só taça.

Deem pão um ao outro, mas não comam do mesmo pão. Cantem e dancem juntos, sejam alegres, mas deixem cada um ficar a sós.

Até mesmo as cordas de um alaúde estão sozinhas, embora vibrem com a mesma música.

Dai vossos corações, mas não os confieis à guarda um do outro.

Pois só a mão da Vida pode conter o coração.

E fiquem juntos, mas não tão próximos um do outro: pois os pilares do templo ficam separados, e o carvalho e o cipreste não crescem um na sombra do outro.”

Uma mulher que segurava um bebê junto ao peito disse:

“Fale sobre os *filhos*.”

E ele respondeu:

“Seus filhos não são seus filhos; são filhos e filhas do anseio da vida por si mesma.

Eles vêm por meio de vocês, mas não de vocês, e embora vivam com vocês, não lhes pertencem.

Podem lhe dar seu amor, mas não seus pensamentos,

Pois têm seus próprios pensamentos.

Vocês podem abrigar seus corpos, mas não suas almas, pois suas almas habitam a morada do amanhã, a qual vocês não podem visitar nem mesmo em sonhos.

Podem se esforçar para ser como eles, mas não busquem torná-los como vocês. Pois a vida não retrocede nem tarda com o passado.

Vocês são os arcos pelos quais seus filhos são atirados como flechas vivas.

O Arqueiro vê o alvo no infinito e puxa com força para que Suas flechas possam ir rápido e longe.

Deixem-se na mão do Arqueiro por boa vontade; pois assim como Ele ama a flecha que voa, também ama o arco que é estável.”

Então, disse um homem rico:

“Fale sobre a *doação*.”

E ele respondeu:

“Vocês doam muito pouco quando doam suas posses.

É quando doam de si mesmos que realmente estão doando.

Afinal, o que são suas posses, senão bens acumulados por medo de precisar deles amanhã?

E amanhã, o que o amanhã trará para o cão que enterra ossos na areia sem vestígio, enquanto segue os peregrinos até a cidade santa?

E o que é o medo da necessidade, senão a própria necessidade?

Não é o medo da sede, quando seu poço está cheio, a sede insaciável?

Há aqueles que doam pouco do muito que têm, dão em troca de reconhecimento, e seu desejo oculto torna suas dádivas nocivas.

E há aqueles que têm pouco e doam tudo o que têm.

Esses são os que creem na vida, na generosidade da vida, e seu cofre nunca está vazio.

Há aqueles que doam com alegria, e a alegria é sua recompensa.

E há aqueles que doam com sofrimento, e o sofrimento é seu batismo.

Há aqueles que doam sem sofrer ao dar, sem buscar alegria, e doam sem a consciência da virtude.

Doam assim, como lá no vale, a murta exala sua fragrância no ar.

Pelas suas mãos, Deus fala, e por detrás de seus olhos Ele sorri sobre a Terra.

É bom doar quando solicitado, mas é melhor ainda doar quando não for pedido, por haver compreendido o ato; e, para o generoso, a busca por quem receba é uma alegria maior do que a doação.

E há algo que vocês conservariam?

Tudo o que vocês têm, um dia será doado;

Portanto, doem agora, para que o tempo de doar seja seu e não de seus herdeiros.

Vocês costumam dizer: ‘Eu doaria, mas só para quem merece’.

As árvores em seu pomar não dizem isso, nem os rebanhos em seu pasto.

Eles doam para permanecer vivos, pois reter seria perecer.

Decerto, aquele que é digno de receber seus dias e suas noites é digno de tudo o mais de vocês.

E aquele que mereceu beber do oceano da vida, merece encher a taça em seu pequeno riacho.

E que virtude será maior do que aquela que reside na coragem e na confiança, e não na caridade, de receber?

E quem são vocês para que homens rasguem o peito e desvelem seu orgulho, para que vocês possam ver seu valor exposto, seu orgulho inabalável?

Busquem, primeiro, merecerem ser um doador e um instrumento de doação.

Pois, na verdade, é a vida que doa à própria vida; enquanto vocês, que se julgam doadores, são apenas testemunhas.

E quem recebe a doação — e todos vocês são recebedores — não sinta a gratidão como um peso, para ela não se tornar um arreio a si mesmo e para aquele que doa.

É preferível se erguer com o doador em suas dádivas, como se fossem asas; pois estar atento demais a sua dúvida é duvidar da generosidade de quem tem a Terra sincera como mãe e Deus como pai.”

Então, o velho dono de uma pousada disse:

“Fale sobre *comer e beber*.”

E ele disse:

“Quem dera pudessem viver do perfume da terra, e como uma planta aérea, nutrir-se de luz.

Mas, uma vez que precisam matar para comer e roubar o leite materno do recém-nascido para saciar a sede, então, que seja um ato de devoção.

E que sua mesa se torne um altar, onde os puros e inocentes da floresta e das planícies são sacrificados pelo que é mais puro e ainda mais inocente no homem.

Ao matar um animal, digam-lhe, em seu coração:

‘Pelo mesmo poder que mata você, eu também serei morto; e também servirei de alimento. Pois a lei que lhe entregou às minhas mãos me entregará a mãos mais poderosas. Teu sangue e meu sangue não são senão a seiva que alimenta a árvore do paraíso.’

E ao morder uma maçã, digam a ela, em seu coração:

‘Suas sementes viverão em meu corpo, e os rebentos do seu amanhã florescerão em meu coração. Seu perfume será meu hálito, e juntos celebraremos todas as estações do ano.’

E no outono, ao levarem as uvas de suas vinhas ao lagar, digam em seu coração:

‘Eu também sou uma vinha, e meu fruto será colhido para o lagar, e como o vinho novo, serei mantido em tonéis eternos.’

E no inverno, ao extraírem o vinho, que em seus corações haja uma canção para cada taça; que haja na canção a lembrança dos dias de outono, da vinha e do lagar.”

Então um lavrador disse:

“Fale sobre o *trabalho*.”

E ele respondeu, dizendo:

“Vocês trabalham para poder acompanhar o ritmo da terra e da alma da terra.

Pois estar ocioso é se tornar um estranho às estações, e se afastar da procissão da vida, que marcha majestosa e submissa rumo ao infinito.

Quando trabalham, são uma flauta por onde o sussurro das horas se transforma em música.

Qual de vocês seria o junco, mudo e silencioso, quando tudo mais canta em uníssono?

Sempre lhes disseram que o trabalho é uma maldição e o esforço, uma desgraça.

Mas eu lhes digo que, quando trabalham, vocês realizam parte do sonho mais distante da terra, designado a vocês quando esse sonho nasceu.

Ao trabalhar, vocês estão, na verdade, amando a vida; e amar a vida através do trabalho é ter intimidade com o segredo mais profundo dela.

Porém, se, ao sofrer, vocês chamam o nascimento de punição e o sustento da carne uma maldição escrita em sua testa, então eu respondo que nada mais do que o suor poderá lavar o que está escrito em sua testa.

Também lhe disseram que a vida é escuridão, e em seu cansaço, ecoa o que foi dito pelo cansado.

Eu digo que a vida é realmente escuridão, exceto quando há vontade.

E toda vontade é cega, exceto quando há conhecimento; e todo o conhecimento é inútil, exceto quando há trabalho; e todo trabalho é vazio, exceto quando há amor; e quando vocês trabalham com amor, conectam-se a si mesmos, uns aos outros, e a Deus.

E o que é trabalhar com amor?

É tecer o tecido com linhas do coração, como se seus amados fossem usá-lo.

É construir uma casa com carinho, como se seus amados fossem habitar nela.

É semear com ternura e colher com alegria, como se seus amados fossem comer desses frutos.

É dar a todas as coisas que vocês criam o sopro da sua própria alma, e saber que todos os entes queridos falecidos observam vocês de perto.

Muitas vezes, escutei-os dizendo, como se falassem sonhando: ‘Aquele que trabalha o mármore e encontra a forma de sua própria alma na pedra é mais nobre do que aquele que lava o solo. E aquele que apreende o arco-íris para colocá-lo em um tecido à semelhança do homem, vale mais do que aquele que faz sandálias para nossos pés.’

Mas eu lhes digo, não durante o sono, mas na sobriedade do dia, que o vento fala com a mesma doçura do carvalho gigante e da mais ínfima folha

de grama; e grande é aquele quem transforma a voz do vento em uma canção ainda mais doce pelo seu próprio amor.

Trabalho é o amor tornado visível.

E se vocês não conseguem trabalhar com amor, mas apenas com desgosto, é melhor abandonar o trabalho, sentar-se à porta do templo e pedir esmolas a quem trabalha com alegria.

Pois se assarem o pão com indiferença, terão um pão amargo que só satisfaz metade da fome de um homem.

E se esmagaram as uvas com má vontade, esse ressentimento destilará veneno no vinho. E ainda que cantem como anjos, se não amam a música, abafam os ouvidos do homem às vozes do dia e às vozes da noite.”

Então uma mulher disse:

“Fale sobre *alegria e tristeza*.”

E ele respondeu:

“Sua alegria é sua tristeza desmascarada.

E o mesmo poço de onde ascende seu riso, muitas vezes, esteve repleto de lágrimas.

E como poderia ser diferente?

Quanto mais fundo a tristeza esculpe em seu ser, mais alegria poderá conter.

A taça que contém seu vinho não seria a mesma queimada na olaria?

E o alaúde que acalma a alma não é da mesma madeira entalhada à faca?

Quando estiverem alegres, olhem no fundo do coração e verão que só aquilo que antes lhes deu tristeza hoje pode lhe dar alegria.

Quando estiverem tristes, olhem de novo em seu coração e verão que, na verdade, choram pelo que lhes trazia alegria.

Alguns de vocês dizem: ‘A alegria é maior que a tristeza’, e outros dizem: ‘Não, a tristeza é maior’.

Porém, lhes digo que elas são inseparáveis.

Vêm juntas, e enquanto uma se senta sozinha com vocês à mesa, lembrem-se de que a outra adormece em sua cama.

Na verdade, vocês estão suspensos na balança entre a tristeza e a alegria.

Só quando vazios, vocês estão imóveis e equilibrados.

Quando o tesoureiro os ergue para pesar o ouro e a prata, sua alegria ou sua tristeza pode subir ou descer.”

Então, veio um pedreiro e disse:

“Fale sobre casas.”

E ele respondeu, dizendo:

“Com a imaginação, construam um abrigo no deserto, antes de construírem uma casa dentro das muralhas da cidade.

Pois assim como voltam para casa ao entardecer, também retorna o andarilho que há em vocês, o andarilho sozinho e distante.

Sua casa é seu corpo ampliado.

Cresce ao sol e dorme na calada da noite; e não deixa de sonhar. Sua casa não sonha? E sonhando, não deixa a cidade pelo bosque ou pelo topo da colina?

Gostaria de recolher suas casas em minha mão e, como um semeador, espalhá-las nas florestas e nos prados.

Os vales seriam suas ruas, e as trilhas verdejantes suas vielas, e vocês buscariam uns aos outros entre os vinhedos e voltariam com o perfume da terra em suas vestes.

Porém, tais coisas ainda não são possíveis.

Por medo, seus antepassados os fizeram viver próximos demais. E esse medo deve perdurar um pouco mais. Por mais algum tempo, os muros da cidade separarão seus lares de seus campos.

E diga-me, povo de Orphalese, o que vocês têm em casa? E o que guardam a portas fechadas?

Guardam a paz, o impulso silencioso que revela seu poder?

Guardam as lembranças, os arcos cintilantes que atravessam os ápices da mente?

Guardam a beleza, que conduz o coração a coisas feitas de madeira e pedra à montanha sagrada?

Digam-me, guardam isso na casa de vocês?

Ou têm apenas o conforto, e a ânsia pelo conforto, aquela coisa furtiva que entra na casa como um hóspede, depois se torna um hospedeiro e, então, um senhor?

Sim, e se torna um domador, e com gancho e açoite faz de fantoches seus maiores desejos.

Embora suas mãos sejam de seda, seu coração é de ferro.

Ele os embala em seu sono apenas para ficar ao lado de sua cama e zombar da dignidade da carne.

Zomba de seus sentidos sonoros e os desfaz como vasos frágeis.

Na verdade, o desejo por conforto mata a paixão da alma e depois caminha soridente no funeral.

Mas vocês, filhos do espaço, inquietos em repouso, não devem se deixar prender nem domesticar.

Seu lar não deve ser uma âncora, mas sim um mastro.

Não deve ser uma película brilhante que cobre a ferida, mas a pálpebra que protege o olho.

Vocês não devem dobrar suas asas para poder passar pela porta, nem curvar a cabeça, para que não bata no teto, nem temer respirar por medo de que as paredes rachem e caiam.

Vocês não devem morar em tumbas feitas pelos mortos para os vivos.

E embora magnífico e esplendoroso, seu lar não deve guardar seu segredo nem abrigar seu anseio.

Pois o infinito que há em vocês mora na mansão dos céus, cuja porta é a bruma da manhã e cujas janelas são as canções e os silêncios da noite.”

E o tecelão disse:

“Fale sobre *vestes*.”

E ele respondeu:

“Suas vestes escondem grande parte de sua beleza, mas não escondem o que não é bonito.

Embora busquem nas vestes a liberdade da privacidade, podem encontrar nelas a armadura e a corrente.

Seria bom se vocês pudesssem sentir o sol e o vento com uma parte maior de sua pele e menos com suas vestes, pois o sopro da vida está na luz do sol, e a mão da vida está no vento.

Alguns de vocês dizem: ‘Foi o vento norte que teceu as roupas que usamos.’

E eu digo, sim, foi o vento norte, mas seu tear foi a vergonha, e dos tendões enfraquecidos foi feito o fio.

E quando concluiu seu trabalho, ele riu na floresta. Não esqueçam que a modéstia é um escudo contra o olhar do impuro.

E quando não houver mais impuros, o que será a modéstia, senão o grilhão e a impureza da mente?

E não esqueçam que a terra gosta de sentir seus pés descalços e o vento sonha em brincar com seus cabelos.”

E um comerciante disse:

“Fale sobre *comprar e vender.*”

E ele respondeu, dizendo:

“A terra lhes dá seus frutos, e nada lhes faltará se souberem encher as mãos.

É na troca das dádivas da terra que encontrarão abundância e satisfação.

No entanto, a menos que a troca seja feita com amor e justiça, ela só levará alguns à ganância e outros à fome.

Quando no mercado, vocês, trabalhadores dos mares, dos campos e dos vinhedos, encontrarem os tecelões, os oleiros e os coletores de especiarias, invoquem, então, o espírito que governa a terra, para que venha até vocês e santifique as balanças e os cálculos que pesam valor contra valor. E não tolerem que os de mãos vazias participem de suas transações, pois venderiam suas palavras em troca de seu trabalho.

A tais homens, devem dizer:

‘Venham conosco ao campo, ou vão com nossos irmãos ao mar e joguem sua rede; pois a terra e o mar serão abundantes para vocês, assim como foram para nós.’

E se vierem os cantores, os dançarinos e os flautistas, comprem também seus dons, pois eles também colhem frutas e incensos, e o que trazem, embora moldado em sonhos, protege e nutre a alma.

E antes de sair do mercado, confirmaram se ninguém saiu de mãos vazias.

Pois o espírito que governa a terra não dormirá em paz até que as necessidades do mais modesto de vocês sejam satisfeitas.”

Então, um dos juízes da cidade aproximou-se e disse:

“Fale sobre *crime e castigo*.”

E ele respondeu, dizendo:

“É quando o espírito sai vagando ao vento, que vocês, a sós e desprotegidos, cometem um mal contra os outros e, portanto, contra si mesmos.

E pelo erro cometido, precisam esperar despercebidos por um tempo no portão dos abençoados.

Como se o oceano fosse seu eu-deus; permanece para sempre imaculado.

E, como o éter, ergue apenas o alado.

Seu eu-deus é também como o sol; não conhece os caminhos da toupeira nem procura a toca da serpente. Mas seu eu-deus não vive sozinho em seu ser.

Muito em vocês continua humano, e muito em vocês ainda não é humano, mas sim um ser disforme que caminha adormecido pela neblina em busca de seu próprio despertar.

E agora falarei do humano que há em vocês.

Pois é ele e não o eu-deus nem o ser na neblina, que conhece o crime e seu castigo.

Muitas vezes, ouvi vocês falarem de alguém que cometeu um crime como se não fosse um de vocês, mas um estranho em seu meio e um intruso em seu mundo.

Entretanto, eu lhes digo que assim como os santos e os justos não podem alcançar além do mais elevado que há em vocês, logo, os maus e os fracos não podem descer além do que há de mais baixo.

E como nem uma simples folha não fica amarela sem o consentimento silencioso da árvore, o malfeitor não pode fazer o mal sem a vontade oculta de todos vocês.

Como em uma procissão, vocês caminham juntos em direção ao eu-deus.

Você们 são o caminho e os caminhantes.

E quando um de vocês cai, cai por aqueles que vêm atrás, podendo alertar sobre a pedra que o fez tropeçar.

Sim, e cai por aqueles que estão à sua frente, que embora tenham os passos mais rápidos e firmes, não removeram a pedra que o fez tropeçar.

Embora a palavra pese em seu coração: quem é assassinado não é isento de seu próprio assassinato, e o roubado não deixa de ter culpa no próprio roubo.

O justo não é inocente dos atos do malvado, e o virtuoso não está livre dos atos do criminoso.

Sim, o culpado é muitas vezes vítima do prejudicado e, com ainda mais frequência, o condenado é quem carrega o fardo do inocente e do sem culpa.

Não se pode separar os justos dos injustos, e os bons dos maus; pois eles ficam juntos diante da face do sol, assim como o fio preto e o branco são entrelaçados.

E quando o fio preto se rompe, o tecelão examina todo o tecido e também o tear.

Se algum de vocês levar a julgamento uma esposa infiel, coloque também na balança o coração de seu marido e meça a alma dele com determinação.

E que aquele que açoitar o agressor olhe na alma do agredido.

E se algum de vocês quiser punir em nome da justiça e cortar com o machado a árvore do mal, que olhe antes suas raízes.

Na verdade, ele encontrará as raízes do bem e do mal, do frutífero e do infrutífero, todas entrelaçadas no cerne silencioso da terra.

E você julga quem seria ou não justo, que julgamento pronunciar sobre aquele que, embora honesto em carne e osso, seja ladrão no espírito?

Que julgamento aplicar àquele que mata a carne, quando ele mesmo está morto em espírito?

E como condenar se aquele que age como farsante e opressor, no entanto, também se sente lesado e ultrajado?

E como punir aqueles cujo remorso já é superior a seus crimes?

O remorso não seria a justiça administrada por aquela mesma lei que vocês obedecem?

No entanto, vocês não podem impor remorso aos inocentes nem aliviar o coração do culpado.

Acordem os homens à noite para, voluntariamente, enxergarem a si mesmos como são. E vocês, que buscam compreender a justiça, como poderiam, a menos que possam olhar para todos os atos à plena luz?

Só então saberão que o superior e o inferior são o mesmo homem no crepúsculo entre a noite de seu eu-criatura e o dia de seu eu-deus. E que a pedra fundamental do templo não é mais alta do que a pedra mais baixa em sua fundação.”

Então um advogado disse:

“Mas e quanto às nossas *leis*, mestre?”

E ele respondeu:

“Vocês sentem prazer em estabelecer leis.

No entanto, se deleitam mais ao infringi-las.

Assim como crianças que brincam na praia, constroem castelos de areia com esmero e depois os destroem com gargalhadas.

Entretanto, enquanto constroem seus castelos de areia, o mar traz mais areia para a margem; e, quando os destroem, o mar ri com vocês.

Na verdade, o mar ri sempre com o inocente.

Mas o que dizer daqueles para quem a vida não é o mar e as leis do homem não são castelos de areia?

O que dizer para quem a vida é uma rocha, e a lei um cinzel com o qual eles a esculpem à sua própria semelhança? E quanto ao aleijado que odeia dançarinos?

E quanto ao boi que ama sua canga e considera o alce e o veado seres inferiores e errantes da floresta?

E quanto à velha serpente que não pode mais trocar de pele e diz que todas as outras estão nuas e despudoradas?

E quanto àquele que chega cedo ao banquete e, após comer demais e estar cansado, diz que todos os banquetes são uma violação e os convidados, infratores?

O que devo dizer sobre eles, senão que eles também ficam ao sol, mas com as costas ao sol?

Veem apenas a própria sombra, e a sombra é sua lei.

O que é o sol para eles senão um projetor de sombras?

O que significa reconhecer as leis, senão inclinar-se e traçar suas sombras sobre a terra?

Mas vocês, que caminham encarando o sol, que imagens desenhadas na terra poderão detê-los?

Vocês, que viajam, com o vento, qual cata-vento orientará seu curso?

Que lei dos homens os prenderá se quebrarem seu jugo, mas longe da prisão de ninguém?

Que leis deverão temer se dançarem, senão tropeçar em grilhões de ninguém?

E quem os levará a julgamento, se arrancarem suas roupas, mas não as deixarem no caminho de ninguém?

Povo de Orphalese, vocês podem abafar o tambor e afrouxar as cordas da lira, mas quem poderá conter o canto da cotovia?"

E um orador disse:

"Fale sobre *liberdade*."

E ele respondeu:

"No portão da cidade e ao pé da fogueira, eu os vi prostrados e adorando a própria liberdade,

Tal como escravos se humilham diante de um tirano e o louvam, embora ele os mate.

Sim, no bosque do templo e à sombra da cidadela vi o mais livre entre vocês usar sua liberdade como grilhão e algema.

E meu coração sangrou dentro de mim; pois vocês só podem ser livres quando até mesmo o desejo de buscar a liberdade se tornar um arreio e quando deixarem de falar da liberdade como objetivo e realização.

Serão de fato livres quando seus dias forem sem preocupações e suas noites sem desejo e dor. Porém, quando essas coisas cercarem a vida e ainda assim vocês estiverem acima delas, nus e sem restrições.

E como poderão ir além de dias e noites, a menos que quebrem as correntes que, no amanhecer do seu entendimento, prenderam a si mesmos em torno de seu meio-dia?

Na verdade, o que vocês chamam de liberdade é a mais forte dessas correntes, embora seus elos reluzam ao sol e deslumbrem seus olhos.

E o que é isso, senão fragmentos de si mesmos que descartariam para tornarem-se livres?

Se buscam abolir uma lei injusta, essa lei foi escrita por sua própria mão em sua própria testa.

Não podem apagá-la queimando seus códigos penais, nem lavando a face de seus juízes, ainda que despejem o mar sobre eles.

E se é um déspota que querem destronar, providenciem primeiro que o trono erguido dentro de vocês seja destruído.

Pois como pode um tirano reger os livres e orgulhosos, se não pela tirania em sua liberdade e vergonha em seu próprio orgulho?

E se é uma preocupação da qual vocês gostariam de se livrar, essa preocupação foi escolhida, em vez de ser imposta, por vocês.

E se é um medo que gostariam de afastar, a base desse medo está em seu coração, não nas mãos do inimigo que temem.

Na verdade, todas as coisas se movem dentro de seu ser sempre entrelaçadas, o desejável e o temível, o repugnante e o adorado, aquilo que buscam e aquilo de que procuram fugir.

Essas coisas movem-se dentro de vocês como luz e sombra, em pares inseparáveis.

E quando a sombra desaparece e já não mais existe, a luz que perdura se torna sombra de outra luz.

E assim sua liberdade, quando perde seus grilhões, torna-se o grilhão de uma liberdade maior.”

E a sacerdotisa tornou a falar, dizendo:

“Fale sobre razão e paixão.”

E ele respondeu, dizendo:

“Suas almas são, muitas vezes, um campo de batalha, sobre o qual a razão e o juízo empreendem uma guerra contra a paixão e o desejo.

Quisera eu poder ser o pacificador de sua alma, que pudesse transformar a discórdia e a rivalidade de seus princípios em unidade e melodia.

Mas como poderia, a menos que vocês também fossem os pacificadores, ou melhor, os amantes de todos os seus princípios?

Sua razão e sua paixão são o leme e as velas de sua alma navegante.

Se as velas ou o leme se quebrarem, vocês poderão apenas ficar à deriva ou parados em pleno mar. A razão, quando governa sozinha, torna-se uma

força limitante; e a paixão, livre, é uma chama que queima até a própria destruição.

Portanto, deixem a alma exaltar sua razão à altura da paixão, para que possa cantar; e deixem que a razão direcione a paixão, para que sua paixão viva sua ressurreição diária e, como a fênix, renasça das próprias cinzas.

Gostaria que considerassem, seu juízo e seu desejo, assim como dois hóspedes queridos em sua casa.

Certamente, não tratariam apenas um hóspede bem; pois aquele que se importa apenas com um, perde o amor e a fé de ambos.

Nas colinas, quando se sentam à sombra fresca dos álamos brancos, compartilhando a paz e a serenidade dos campos e dos prados distantes, deixem então seu coração dizer em silêncio: ‘Deus repousa na razão.’

E quando a tempestade chegar, e o vento forte sacudir a floresta, e trovões e relâmpagos proclamarem a majestade do céu, deixem então seu coração dizer com temor: ‘Deus se move em paixão.’

E como são um sopro na esfera de Deus, e uma folha na floresta de Deus, vocês também devem repousar na razão e se mover com a paixão.”

E uma mulher falou, dizendo:

“Fale sobre a dor.”

E ele disse:

“Sua dor é a quebra da concha que aprisiona seu conhecimento.

Assim como a semente da fruta precisa se quebrar para que seu cerne se revele ao sol, vocês precisam conhecer sua dor.

E se pudessem manter o coração deslumbrado com os milagres diários da vida, sua dor não seria menos surpreendente do que sua alegria; e aceitariam as estações do coração, da mesma maneira que sempre aceitaram as estações que passam pelos campos.

Observariam com serenidade os invernos da sua dor.

Grande parte da dor é por escolha própria.

É a poção amarga pela qual o médico, dentro de vocês, cura seu eu doente.

Portanto, confiem no médico e tomem o remédio em silêncio e tranquilidade. Pois sua mão, embora pesada e dura, é guiada pela mão terna

do Invisível, e o cálice que Ele traz, embora queime seus lábios, foi feito com o barro que o Oleiro umedeceu com Suas próprias lágrimas sagradas.”

E um homem disse:

“Fale sobre *autoconhecimento*.”

E ele respondeu, dizendo:

“Seus corações conhecem em silêncio os segredos dos dias e das noites.

Mas seus ouvidos estão sedentos pelo som do conhecimento em seus corações.

Vocês saberiam em palavras o que sempre souberam em pensamento.

Tocariam com os dedos o corpo nu de seus sonhos.

E é bom que o façam.

O manancial oculto de sua alma precisa se erguer e correr murmurante para o mar; e o tesouro de sua infinita profundezas se revelaria a seus olhos.

Contudo, não usem balanças para pesar seus tesouros desconhecidos; e não busquem a profundezas do seu conhecimento com um bastão ou com uma sonda.

Pois o eu é um mar ilimitado e imensurável.

Não digam: ‘Encontrei a verdade’, mas sim: ‘Encontrei *uma* verdade.’

Não digam: ‘Encontrei o caminho da alma’. Digam: ‘Encontrei a alma andando pelo meu caminho.’

Pois a alma anda em todos os caminhos.

A alma não anda em linha reta nem cresce como o juncos.

A alma desabrocha como uma flor de lótus com inúmeras pétalas.”

Em seguida, um professor disse:

“Fale sobre *ensinar*.”

E ele disse:

“Nenhum homem pode lhes revelar nada a não ser aquilo que já está semiacordado no amanhecer de seu conhecimento.

O mestre que caminha à sombra do templo, entre seus discípulos, não oferece sua sabedoria, mas sim sua fé e seu amor.

Se de fato for sábio, ele não os convidará a entrar na morada de sua sabedoria, e sim ao limiar de sua própria mente.

O astrônomo pode falar com vocês sobre sua compreensão do espaço, mas não pode lhe oferecer sua compreensão.

O músico pode cantar para vocês no ritmo que há em todo espaço, mas não pode lhes dar o ouvido que capta a melodia nem a voz que dela ecoa. E aquele que é versado na ciência dos números pode falar dos reinos dos pesos e das medidas, mas não pode conduzi-los até lá.

Pois a visão de um homem não empresta suas asas a outro.

E assim como cada um de vocês está sozinho no conhecimento de Deus, cada um de vocês deve estar sozinho em seu conhecimento de Deus e em Sua compreensão da terra.”

E um jovem disse:

“Fale sobre a *amizade*.”

E ele respondeu, dizendo:

“Seu amigo é a resposta às suas necessidades.

É o campo que você semeia com amor e colhe com gratidão.

É sua mesa e sua lareira, pois vocês vão a ele com fome e buscam nele a paz.

Quando seu amigo disser o que pensa, não tema o ‘não’ em sua própria mente nem recuse o ‘sim’.

E quando ele se calar, não deixe seu coração parar de ouvir o coração dele; pois, na amizade, todos os pensamentos, desejos e expectativas nascem e são compartilhados sem palavras, em uma alegria discreta.

Ao se separar de seu amigo, não fique triste; pois aquilo que mais ama nele ficará mais visível em sua ausência, tal como para o alpinista a montanha é mais nítida da planície. E que não haja outro propósito na amizade, senão o aprofundamento da alma.

Pois o amor que busca algo além da revelação do próprio mistério não é amor, mas uma rede já lançada, que apenas captura o que é inútil.

E que o seu melhor seja oferecido a seu amigo.

Se ele precisar conhecer sua maré baixa, mostre-o também a cheia.

Por que seu amigo deveria ser procurado apenas para passar o tempo?

Procure-o sempre para viver o tempo.

Pois cabe a ele atender às suas necessidades, mas não ao seu vazio.

E que, na doçura da amizade, haja risos e prazeres compartilhados.

Pois no orvalho das pequenas coisas o coração encontra sua manhã e se renova.”

E então um erudito disse:

“Fale sobre a *conversa*.”

E ele respondeu, dizendo:

“Vocês falam, quando deixam de se sentir em paz, com seus pensamentos; e quando já não podem permanecer na solidão de seu coração, vocês vivem nos lábios, e o som é uma diversão e um passatempo.

E em boa parte do que falam, matam o pensamento.

Pois o pensamento é um pássaro do infinito que, na gaiola das palavras, pode de fato abrir as asas, mas não voar.

Há aqueles entre vocês que buscam os eloquentes por temerem a solidão.

O silêncio da solidão revela aos seus olhos a sua identidade nua, e eles fogem para não a ver.

E há aqueles que falam, e sem conhecimento ou premeditação revelam uma verdade que eles mesmos não entendem.

Há aqueles que têm a verdade em si, mas não a dizem em palavras.

No seio desses, o espírito habita em silêncio rítmico.

Quando encontrarem seu amigo à beira da estrada ou no mercado, deixem que o espírito que há em vocês move seus lábios e dirija sua língua.

Deixem que a voz dentro de sua voz fale ao ouvido de seu ouvido; pois sua alma guardará a verdade de seu coração, assim como o sabor do vinho é lembrado.

Quando a cor é esquecida e a taça já não existe.”

E um astrônomo disse:

“Mestre, e o *tempo*? ”

E ele respondeu:

“Vocês mediriam o incontável e o imensurável.

Ajustariam sua conduta e até direcionariam o curso de seu espírito de acordo com as horas e as estações do ano.

Com o tempo, fariam um riacho em cuja margem se sentariam e observariam o fluxo dele.

No entanto, o atemporal em vocês está ciente da intemporalidade da vida,

E sabe que ontem é apenas a memória de hoje, e o amanhã é o sonho do hoje.

E que aquilo que canta e contempla em vocês ainda está dentro dos limites daquele primeiro momento que espalhou as estrelas pelo espaço. Quem entre vocês não sente que seu poder para amar é ilimitado?

No entanto, quem não sente esse mesmo amor, embora ilimitado, contido no cerne de seu ser, e não se movendo de um pensamento amoroso a outro, nem de um ato amoroso a outro?

O tempo não é, assim como o amor, indivisível e fora de ritmo?

Contudo, se em seu pensamento, vocês precisam medir o tempo por meio de estações, deixem que cada estação envolva todas as outras, e deixem que o presente envolva o passado com lembranças e o futuro com desejo.”

E um dos anciões da cidade disse:

“Fale sobre o *bem* e o *mal*.”

E ele respondeu:

“Posso falar do bem que há em vocês, mas não do mal, pois o que é o mal, senão o bem torturado por sua fome e sua sede?

Na verdade, quando o bem está faminto, ele procura alimento até mesmo nas cavernas escuras, e quando tem sede, bebe até mesmo das águas paradas.

Vocês são bons quando estão em harmonia consigo mesmos.

No entanto, quando vocês não estão em harmonia consigo mesmos, não são maus.

Pois uma casa dividida não é um covil de ladrões; é apenas uma casa dividida.

E um navio sem leme pode vagar sem rumo entre ilhas perigosas, sem naufragar. Você们 são bons quando se esforçam para se doar.

No entanto, não são maus quando buscam o ganho próprio.

Pois quando se esforçam para ganhar, não são senão uma raiz que se agarra à terra e se alimenta em seu seio.

Com certeza, o fruto não pode dizer à raiz: ‘Seja como eu, maduro e pleno, dando sempre da sua abundância.’

Pois, para o fruto, doar é uma necessidade; assim como receber é uma necessidade para a raiz.

Vocês são bons quando estão totalmente conscientes em seu discurso.

No entanto, não são maus quando dormem, enquanto sua língua titubeia sem propósito.

E até mesmo uma fala trôpega pode fortalecer uma língua frágil.

Vocês são bons quando caminham para seu objetivo com firmeza e com passos decididos.

No entanto, não são maus quando vão para lá mancando. Mesmo os que mancam, não recuam.

Porém, vocês, que são fortes e rápidos, tratem de não mancar perante o manco, achando que isso é uma gentileza.

Vocês são bons de inúmeras maneiras e não são maus quando não são bons, são apenas vagabundos e preguiçosos.

É uma pena que os cervos não possam ensinar as tartarugas a serem rápidas.

No anseio por seu eu-gigante está sua bondade; e esse anseio está em todos vocês.

Mas, em alguns, esse anseio é uma torrente correndo com força para o mar, levando os segredos das encostas e os cantos da floresta.

E em outros é um riacho plano que se perde em ângulos e curvas e se prolonga antes de chegar à costa.

Mas não deixe que aquele que anseia muito diga a quem anseia pouco: ‘Por que você é tão lento e indeciso?’

Porque quem é verdadeiramente bom não pergunta ao desnudo: ‘Onde estão suas roupas?’, nem ao desabrigado: ‘O que aconteceu com sua casa?’”

Então, uma sacerdotisa disse:

“Fale sobre oração.”

E ele respondeu, dizendo:

“Vocês rezam quando estão aflitos e em necessidade; que rezem também na plenitude de sua alegria e em seus dias de abundância.

Pois o que é a oração senão a expansão de si mesmo no éter vivo?

E se for para seu conforto despejar suas trevas no espaço, também é para sua alegria despejar a aurora de seu coração.

E se vocês não conseguem deixar de chorar quando sua alma os convoca para a oração, ela deveria estimulá-los várias vezes, mesmo chorando, até que vocês acabem sorrindo.

Quando rezam, vocês se elevam para encontrar no espaço aqueles que estão rezando naquela mesma hora, e que salvo em oração, não podem se encontrar.

Portanto, que sua visita àquele templo invisível não seja em vão, mas êxtase e doce comunhão.

Pois se vocês entrarem no templo apenas para pedir, nada receberão; e se entrarem nele para se curvar, não se elevarão. Mesmo que entrem para pedir pelo bem dos outros, não serão ouvidos.

Basta entrarem invisíveis no templo.

Não posso ensiná-los a rezar com palavras.

Deus não ouve suas palavras, exceto quando Ele próprio as pronuncia através de seus lábios.

E não posso ensiná-los a oração dos mares, das florestas e das montanhas. Mas vocês, nascidos das montanhas, das florestas e dos mares podem encontrar suas preces em seu coração.

E se apenas ouvirem na calada da noite, ouvirão que dizem em silêncio:

‘Nossa Deus, que Sois nosso eu-alado, é Vossa vontade que nos governa.

É Vosso desejo em nós que desejais.

É Vosso ímpeto em nós que tornareis nossas noites, que são Vossas, em dias, que também são Vossos.

Não podemos pedir-Vos nada, pois conheceis nossas necessidades antes que elas surjam em nós.

Vós Sois nossa necessidade; e ao nos dardes mais de Vós, dai-Nos tudo.”

Então um ermitão, que visitava a cidade uma vez por ano, aproximou-se e disse:

“Fale sobre o *prazer*”

E ele respondeu, dizendo:

“O prazer é uma canção de liberdade, mas não é a liberdade.

É o desabrochar dos seus desejos, mas não é seu fruto.

É a profundeza invocando a altura, mas não é o profundo nem o alto.

É o engaiolado alcando voo, mas não é o espaço ao redor.

Sim, na verdade, o prazer é uma canção de liberdade.

Com prazer, eu deixaria que cantassem com a plenitude do coração; no entanto, não gostaria que perdessem o coração ao cantar.

Alguns jovens buscam o prazer como se ele fosse tudo e são julgados e repreendidos. Eu não os julgaria nem os repreenderia. Deixaria que continuassem na busca.

Pois eles encontrarão prazer, mas não só ele; sete são suas irmãs, e a menor delas é mais bela do que o prazer.

Já ouviram falar do homem que cavava a terra em busca de raízes e encontrou um tesouro?

E alguns dos mais velhos se lembram de seus prazeres com pesar, como erros cometidos na embriaguez.

Entretanto, o arrependimento é o obscurecimento da mente e não seu castigo.

Eles deveriam se lembrar de seus prazeres com gratidão, assim como se lembrariam de uma colheita de verão.

No entanto, se sentem conforto no arrependimento, que sejam confortados.

E há entre vocês aqueles que não são tão jovens para buscar nem muito velhos para lembrar; e em seu medo de buscar e recordar, afastam todos os prazeres para não descuidar do espírito ou desagrada-lo.

Mas mesmo na renúncia está seu prazer.

E assim eles também encontram um tesouro, apesar de cavarem raízes com as mãos trêmulas.

Mas digam-me, quem poderia desagradar o espírito?

Será que o rouxinol ofenderá o silêncio da noite ou o vaga-lume, as estrelas?

E sua chama ou sua fumaça poderia incomodar o vento?

Acham que o espírito é uma poça de água parada que pode perturbar com um bastão?

Muitas vezes, ao se negar prazeres, não fazem nada além de abrigar desejos nas profundezas de seu ser.

Quem sabe, mas o que parece omitido hoje, não espera pelo amanhã?

Até mesmo seu corpo conhece sua herança e sua necessidade legítima e não se permite ser enganado.

Seu corpo é a harpa de sua alma, e cabe a cada um tocar a partir dele uma música suave ou sons confusos.

Neste instante, perguntem em seus corações: ‘Como distinguir o que é bom no prazer do que não é bom?’

Vão para seus campos e seus jardins e aprenderão que o prazer da abelha é recolher o mel da flor,

Mas também é o prazer da flor fornecer seu mel à abelha.

Pois, para a abelha, a flor é uma fonte de vida, e para a flor, a abelha é uma mensageira do amor, e para ambas, abelha e flor, dar e receber prazer é uma necessidade e um êxtase.

Povo de Orphalese, sejam em seus prazeres como as flores e as abelhas.”

E um poeta disse:

“Fale sobre a *beleza*.”

E ele respondeu:

“Onde deverão procurar beleza e como a encontrarão, a não ser que ela própria seja seu caminho e seu guia?

E como deverão falar dela, exceto que ela seja a tecelã do seu discurso?

Os aflitos e feridos dizem: ‘A beleza é boa e gentil. Como uma jovem mãe meio tímida de sua própria glória, ela caminha entre nós.’

E os apaixonados dizem: ‘Não, a beleza é feita de poder e pavor. Como a tempestade, ela sacode a terra sob nós e o céu sobre nós.’

Os cansados e os exaustos dizem: ‘A beleza sussurra suave. Ela fala em nosso espírito. Sua voz submete-se a nosso silêncio como uma luz tênue que treme por medo da sombra.’

Mas os inquietos dizem: ‘Nós a ouvimos gritar entre as montanhas, e com seus gritos vieram o som de cascos, o bater de asas e o rugir de leões.’

À noite, os guardas da cidade dizem: ‘A beleza virá com o amanhecer do leste.’

E ao meio-dia, os trabalhadores e os errantes dizem: ‘Nós a vimos olhar para a terra, inclinada sobre as janelas do pôr do sol.’

No inverno, os isolados pela neve dizem: ‘Ela virá com a primavera, saltando pelas colinas.’

E no calor do verão, os lavradores dizem: ‘Nós a vimos dançando com as folhas do outono e vimos flocos de neve em seus cabelos.’

Vocês disseram todas essas coisas sobre a beleza, no entanto, na verdade, vocês não falaram dela, mas de necessidades insatisfeitas.

A beleza não é uma necessidade, mas um êxtase.

Não é uma boca sedenta nem uma mão vazia estendida, mas um coração inflamado e uma alma encantada.

Não é a imagem que se vê nem a canção que se ouve, mas uma imagem que veem, embora fechem os olhos, e uma canção que vocês ouvem, embora fechem os ouvidos.

Não é a seiva dentro da casca sulcada nem a asa ligada à garra, mas um jardim eternamente florido e um bando de anjos sempre em voo.

Povo de Orphalese, a beleza é a vida quando a vida revela seu rosto sagrado.

Mas vocês são a vida e o véu. A beleza é a eternidade olhando-se no espelho.

Mas vocês são a eternidade e o espelho.”

E um velho padre disse:

“Fale sobre *religião*.”

E ele disse:

“Falei de outra coisa hoje?

Não é a religião toda ação e toda reflexão, e aquilo que não é ação nem reflexão, mas o encantamento e a surpresa que brotam na alma, mesmo enquanto as mãos talham a pedra ou tecem no tear?

Quem pode separar sua fé de suas ações ou sua crença de suas ocupações?

Quem pode estender as horas à frente, dizendo: ‘Estas são para Deus e estas são para mim; estas para minha alma, e estas outras para meu corpo?’

Todas as suas horas são asas que voam de uma pessoa a outra. Aquele que usa sua moralidade como sua melhor roupa ficaria melhor despido.

O vento e o sol não lhe provocarão feridas na pele.

E aquele que define sua conduta pela ética aprisiona seu pássaro canoro em uma gaiola.

A canção mais livre não ressoa através de barras e grades.

E aquele a quem a adoração é uma janela a ser aberta, mas também fechada, ainda não visitou a casa da sua alma, cujas janelas estão de alvorada a alvorada.

Sua vida diária é seu templo e sua religião.

Sempre que vocês entrarem nele, levem consigo seu ser inteiro.

Peguem o arado, a forja, a marreta e o alaúde, as coisas que vocês criaram por necessidade ou por prazer.

Pois em devaneio vocês não podem se colocar acima de suas conquistas nem ser vencidos por seus fracassos.

E levem consigo todos os seres humanos: pois em adoração não podem voar mais alto do que suas esperanças nem se humilhar abaixo de seu desespero.

E se quiserem conhecer Deus, não se distraiam decifrando enigmas.

Prefiram olhar ao redor, e verão Deus brincando com seus filhos.

E olhem para o infinito; vocês verão Deus caminhando nas nuvens, estendendo os braços no relâmpago e descendo na chuva.

Deus está sorrindo nas flores e acenando entre as árvores.”

Então Almitra falou:

“Então, gostaríamos de perguntar sobre a *morte*.”

E ele disse:

“Vocês querem saber o segredo da morte, mas como descobri-lo a não ser que o busquem no cerne da vida?”

A coruja, cujos olhos noturnos são cegos para o dia, não pode desvendar o mistério da luz.

Se querem de fato contemplar o espírito da morte, abram bem o coração para o corpo da vida.

Pois a vida e a morte são uma só, assim como o rio e o mar são um.

Na profundez da esperança e dos desejos está o conhecimento silencioso do além;

E como sementes sonhando sob a neve, seu coração sonha com a primavera.

Confiem nos sonhos, pois neles acha-se escondido o portal para a eternidade. Seu medo da morte não é senão o tremor do pastor quando ele se apresenta diante do rei, cuja mão será colocada sobre ele como distinção.

O pastor não está alegre sob seu tremor, por ostentar a marca do rei?

Mas não está ele mais atento ao tremor?

E o que é morrer senão ficar nu no vento e se dissolver ao sol?

E o que é deixar de respirar, senão libertar o sopro de suas marés inquietas, para que ele possa ascender, se expandir e buscar a Deus sem ônus?

Só quando beberem do rio do silêncio é que de fato poderão cantar.

E quando alcançarem o topo da montanha, então é que começarão a subir.

E quando a terra reclamar seu corpo, é que realmente dançarão.”

E então anoiteceu.

E Almitra, a profetisa, disse:

“Bendito seja este dia e este lugar e seu espírito, que nos falou.”

E ele respondeu:

“Fui eu quem falei? Não fui também um ouvinte?”

Então, ele desceu os degraus do templo, e todos o seguiram. E ele chegou a seu navio e ficou no convés.

Dirigindo-se de novo ao povo, ergueu a voz e disse:

“Povo de Orphalese, o vento me leva a deixá-los.

Sou menos veloz que o vento e preciso partir.

Nós, os errantes, sempre buscamos o caminho mais solitário, não há dia que começamos onde terminamos o outro; e nenhum nascer do sol nos encontra onde o crepúsculo nos deixou. Mesmo enquanto a terra dorme, nós viajamos.

Somos as sementes de uma planta tenaz, e quando nosso coração se torna pleno e maduro, nos entregamos ao vento e somos espalhados por ele.

Breves foram meus dias entre vocês e mais breves ainda as palavras que proferi.

Contudo, se minha voz se desvanecer em seus ouvidos e meu amor sumir de sua memória, então voltarei, e falarei com um coração mais enriquecido e lábios dóceis ao espírito.

Sim, voltarei com a maré, e embora a morte possa me esconder, e o silêncio maior me envolver, ainda assim buscarei sua compreensão.

E não buscarei em vão.

Se algo do que eu disse for verdade, essa verdade se revelará em uma voz mais clara e em palavras mais próximas de seus pensamentos.

Vou com o vento, povo de Orphalese, mas não para o vazio; e se este dia não for a concretização de seus anseios e de meu amor, então que seja a promessa até outro dia.

As necessidades do homem mudam, mas não seu amor nem seu desejo de que o amor satisfaça suas necessidades.

Saiba, portanto, que voltarei do silêncio maior.

A névoa que se afasta ao amanhecer, deixando apenas o orvalho nos campos, se levantaré e se juntará à nuvem e depois cairá como chuva.

E eu não tenho sido diferente da névoa.

No silêncio da noite, caminhei por suas ruas e meu espírito entrou em suas casas, e as palpitações de seus corações estavam em meu coração, e sua respiração em meu rosto, e conheci todos vocês.

Sim, conheci sua alegria e sua dor, e, em seu sono, seus sonhos eram meus sonhos.

E muitas vezes estive entre vocês como um lago entre as montanhas.

Refleti os cumes em vocês, e as encostas inclinadas, e até mesmo os bandos de seus pensamentos e desejos que passam.

E ao meu silêncio veio o riso de seus filhos nos riachos, e o anseio de seus jovens nos rios.

E quando atingiram minhas profundezas, os riachos e os rios ainda não tinham parado de cantar.

Mas a mim veio algo ainda mais doce do que o riso e maior do que o anseio.

Foi o infinito que há em vocês; o vasto homem no qual são tudo, senão as células e os tendões; aquele, em cujo canto toda sua melodia não passa de um palpitar inaudível.

É no vasto homem que vocês são vastos, e ao contemplá-lo, eu os vi e os amei.

Que distâncias o amor pode alcançar que não estejam naquela vasta esfera?

Que visões, que expectativas e que presunções podem superar esse voo?

O vasto homem em vocês é como um carvalho gigantesco coberto por flores de macieira. Seu poder os conecta à terra, sua fragrância os ergue no espaço, e em sua durabilidade vocês são imortais.

Disseram-lhes que, tal qual uma corrente, vocês são tão fracos quanto seu elo mais fraco.

Esta é apenas metade da verdade. Vocês também são tão fortes quanto seu elo mais forte.

Medi-los por sua menor ação é avaliar o poder do mar pela fragilidade de sua espuma.

Julgá-los por seus fracassos é culpar as estações do ano por sua inconstância.

Sim, vocês são como o mar, e embora as embarcações aguardem a maré em suas margens, assim como um oceano, vocês não podem apressar suas marés.

E também são como as estações do ano. Embora em seu inverno vocês neguem sua primavera.

A primavera, que repousa dentro de vocês, sorri em sua sonolência e não se ofende. Não pensem que digo tais coisas para que possam dizer uns aos outros: ‘Ele nos elogiou muito. Só viu o que temos de bom.’

Só falo com palavras aquilo que vocês mesmos sabem em pensamento.

E o que é o conhecimento de palavras, senão uma sombra do conhecimento sem palavras?

Seus pensamentos e minhas palavras são ondas de uma memória selada que mantém registros de nosso passado, e dos dias distantes, quando a terra não nos conhecia nem conhecia a si mesma, e das noites quando a terra estava agitada em confusão.

Os sábios vieram até vocês para lhes transmitir sabedoria. Eu vim para aprender com vocês: eis que descobri algo maior do que a sabedoria.

É seu espírito em chamas que sempre aumenta em si mesmo, enquanto vocês, sem perceber a sua expansão, lamentam o declínio dos seus dias. É a vida em busca da vida em corpos que temem a sepultura.

Aqui não há sepulturas.

Estas montanhas e planícies são um berço e um ponto de partida.

Sempre que passarem pelos campos onde enterraram seus antepassados, olhem bem e verão a si mesmos e seus filhos dançando de mãos dadas.

Na verdade, muitas vezes vocês se alegram sem saber.

Outros vieram até vocês a quem em troca de belas promessas feitas a sua fé, vocês deram riquezas, poder e glória.

Eu dei menos do que uma promessa, e, no entanto, foram mais generosos comigo.

Deram-me uma sede de vida mais profunda.

Certamente, não há presente maior para um homem do que aquele que transforma todos os seus objetivos em lábios sedentos e a vida toda em uma fonte.

E nisso reside minha honra e minha recompensa, que sempre que venho à fonte beber, encontro a própria água viva com sede; e ela me bebe enquanto eu a bebo.

Alguns de vocês me consideraram orgulhoso e reservado ao receber presentes.

Sou orgulhoso demais, de fato, para receber salários, mas não presentes.

E, embora eu tenha comido bagas nas colinas quando me queriam sentado à sua mesa, e dormido no pórtico do templo quando teriam me abrigado de bom grado.

No entanto, não foi sua amorosa atenção a meus dias e minhas noites que adoçou a comida em minha boca e cercou meu sono de visões?

Por isso, eu os abençoo muito: vocês dão muito e não sabem de forma alguma que dão. Na verdade, a bondade que se olha em um espelho transforma-se em pedra, e uma boa ação que se vangloria torna-se pai de uma maldição.

E alguns de vocês me chamaram de distante e embriagado da minha própria solidão,

E disseram: ‘Ele se reúne com as árvores da floresta, mas não com os homens.

Ele se senta sozinho no topo das colinas e observa lá de cima nossa cidade.’

É verdade que subi as colinas e caminhei por lugares remotos.

Como poderiavê-los, a não ser de uma grande altura ou de uma grande distância?

Como alguém pode de fato estar perto, a menos que esteja distante?

E outros entre vocês me chamaram, não por palavras, e disseram:

‘Estrangeiro, estrangeiro, amante de alturas inatingíveis, porque mora entre os cumes onde as águias constroem seus ninhos? Por que procura o inalcançável?’

Que tempestades quer aprisionar em sua rede, e que pássaros vaporosos caça no céu?

Venha e seja um de nós.

Desça e satisfaça sua fome com nosso pão e sacie sua sede com nosso vinho.’

Na solidão da alma, eles disseram essas coisas; mas se sua solidão fosse mais profunda, saberiam que eu buscava só o segredo de sua alegria e de sua dor, e só caçava seus eus maiores que andam no céu.

Mas o caçador também é a caça; porque muitas de minhas flechas deixaram meu arco só para procurar meu próprio peito.

E o que voava também era o que rastejava; pois quando minhas asas estavam abertas ao sol, sua sombra na terra era uma tartaruga.

E eu, o crente, também era o célico; pois muitas vezes toquei com o dedo minha própria ferida para acreditar mais em vocês e conhecer mais

vocês.

E é com essa crença e esse conhecimento que digo: vocês não estão presos em seus corpos nem confinados em casas ou campos.

O que são vive acima da montanha e vaga com o vento.

Não rasteja ao sol para se aquecer ou cava buracos na escuridão para ficar seguro.

É algo livre, um espírito que envolve a terra e se move no éter.

Se estas são palavras vagas, então procurem não as esclarecer.

Vago e nebuloso é o princípio de todas as coisas, mas não o seu fim,

E de bom grado eu gostaria que se lembressem de mim como um princípio.

A vida e tudo o que vive são concebidos na neblina, não no cristal. E quem sabe se o cristal for a neblina quando se dissipar?

Gostaria que se lembressem disso ao se lembrarem de mim: o que parece mais fraco e desconcertado em vocês é o que há de mais forte e mais determinado.

Não foi seu fôlego que ergueu e fortaleceu a estrutura de seus ossos?

E não foi o sonho, o qual nenhum de vocês se lembram ter sonhado, que construiu sua cidade e criou tudo o que há nela?

Se conseguissem ver as marés daquele sopro, deixariam de ver todo o resto, e se pudessem ouvir o sussurro do sonho, não ouviriam nenhum outro som.

Mas não veem nem escutam, e assim é melhor.

O véu que encobre seus olhos será erguido pelas mãos que o teceram, e a argila que enche seus ouvidos será furada pelos dedos que a moldaram. E vocês verão. E vocês ouvirão.

No entanto, não lamentem a cegueira nem se arrependam de terem sido surdos.

Pois nesse dia vocês saberão o propósito oculto de todas as coisas,
E abençoarão as trevas como abençoaram a luz.”

Depois de dizer essas coisas, ele olhou ao redor e viu o capitão de seu navio parado junto ao leme, observando ora as velas infladas, ora o horizonte.

E ele disse:

“Paciente, mais que paciente, é o capitão do meu navio.
O vento sopra, e as velas estão inquietas; até mesmo o leme pede direção.
No entanto, calmamente, meu capitão aguarda meu silêncio.
E meus marinheiros, que ouviram o coro do grande mar, também me
ouviram pacientemente. Agora não vão esperar mais.
Estou pronto.

O rio chegou ao mar, e mais uma vez a grande mãe segura seu filho junto
ao seio.

Adeus, povo de Orphalese.
Este dia terminou.
Está se fechando sobre nós mesmo como o nenúfar sobre seu amanhã.
O que nos foi dado aqui, devemos guardar, e se isso não for suficiente,
então iremos nos reunir e juntos estenderemos as mãos àquele que nos deu
tudo.

Não se esqueçam de que voltarei.
Mais um pouco, e meu anseio juntará poeira e espuma para outro corpo.
Mais um pouco, um momento de descanso ao vento, e outra mulher me
conceberá.

Adeus a vocês e à juventude que passei convosco.
Ontem mesmo, nos encontramos em sonho. Vocês cantaram para mim
em minha solidão, e com seus anseios construí uma torre no céu.
Porém, neste instante, nosso sono se foi e nosso sonho acabou, e já não é
mais o amanhecer.

O meio-dia está sobre nós e nosso breve despertar se transformou em
dia pleno, e devemos nos separar.

Se no crepúsculo da memória nos encontrarmos mais uma vez, iremos
conversar de novo, e vocês cantarão para mim uma canção mais profunda.

E se nossas mãos se encontrarem em outro sonho, construiremos outra
torre no céu.”

Após dizer isso, ele fez um sinal aos marinheiros, e logo eles levantaram
âncora e soltaram as amarras, deslocando-se para o leste.

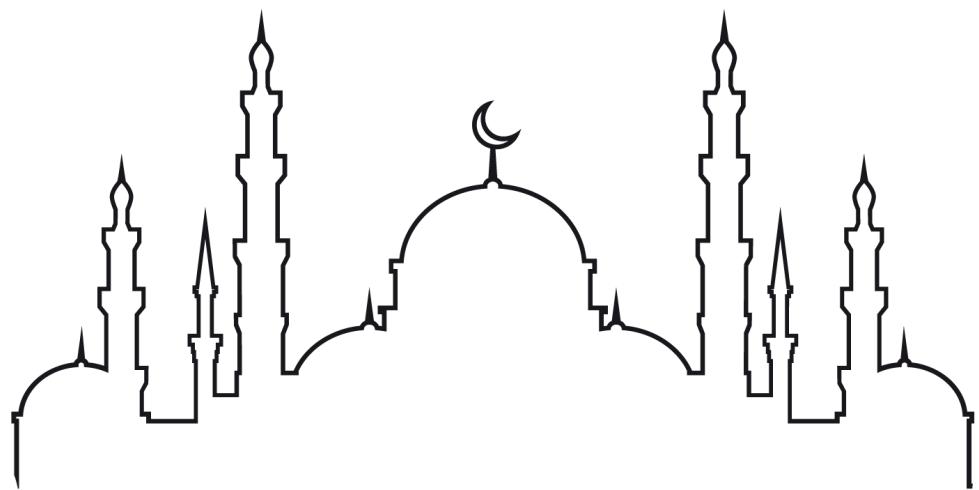
Um grito ecoou do povo como se viesse de um único coração, elevou-se no
crepúsculo e alcançou o mar como uma grande solenidade.

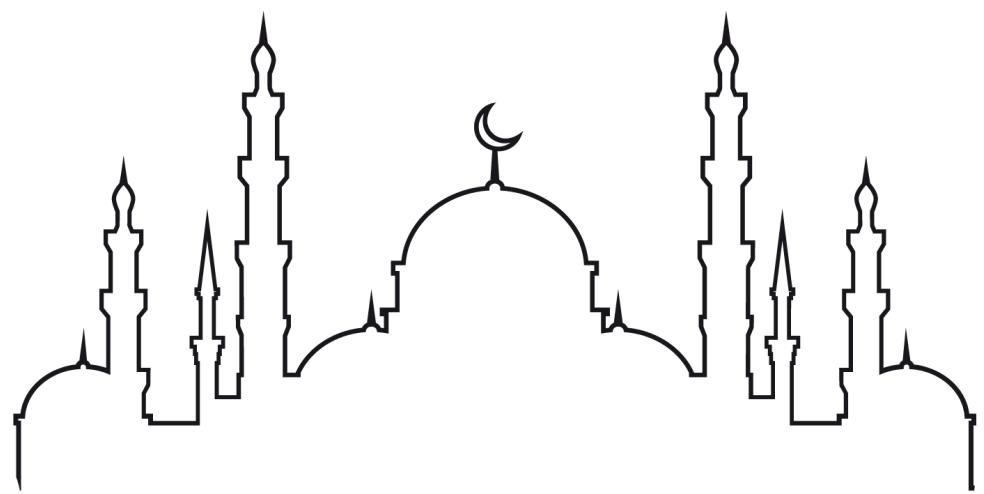
Apenas Almitra ficou em silêncio, observando o navio até desaparecer na neblina.

E quando todos se dispersaram, ela ficou sozinha no quebra-mar, lembrando-se do que ele dissera:

“Mais um pouco, um momento de descanso ao vento, e outra mulher me conceberá.”

Fim





Agora que você conhece este clássico, vire o livro e
leia as reflexões do Profeta.

Reflexões do Profeta

ubook ubk
Publishing House



O Profeta cativou o povo de Orphalese com sua filosofia. Nesta parte, você encontrará as reflexões que ele compartilhou e poderá utilizar as sábias palavras sobre amor, família e autoconhecimento como forma de meditação e motivação diária. Use-as para encarar os desafios e enxergar a beleza da fé na vida.





Amor

“Quando o amor acenar para vocês, sigam-no, embora
seus caminhos sejam difíceis e íngremes.”





Casamento

“Amem uns aos outros, mas não se aprisionem nesse amor; que ele seja um mar em movimento entre as fronteiras de suas almas.”





Filhos

“Seus filhos não são seus filhos; são filhos e filhas do anseio da vida por si mesma.”





Doação

“Vocês doam muito pouco quando doam suas posses. É quando doam de si mesmos que realmente estão doando. Afinal, o que são suas posses, senão bens acumulados por medo de precisar deles amanhã?”





Comer e beber

“Ao matar um animal, digam-lhe, em seu coração: pelo mesmo poder que mata você, eu também serei morto; e também servirei de alimento. Pois a lei que lhe entregou às minhas mãos me entregará a mãos mais poderosas. Teu sangue e meu sangue não são senão a seiva que alimenta a árvore do paraíso.”





Trabalho

“Ao trabalhar, vocês estão, na verdade, amando a vida; e amar a vida através do trabalho é ter intimidade com o segredo mais profundo dela.”





Alegria e tristeza

“Quando estiverem alegres, olhem no fundo do coração e verão que só aquilo que antes lhes deu tristeza hoje pode lhe dar alegria. Quando estiverem tristes, olhem de novo em seu coração e verão que, na verdade, choram pelo que lhes trouxe alegria.”





Casas

“Sua casa é seu corpo ampliado.”





Vestes

“Embora busquem nas vestes a liberdade da privacidade, [vocês] podem encontrar nelas a armadura e a corrente.”





Comprar e vender

“A terra lhes dá seus frutos, e nada lhes faltará se souberem encher as mãos. É na troca das dádivas da terra que encontrarão abundância e satisfação.”





Crime e castigo

“Que julgamento aplicar àquele que mata a carne,
quando ele mesmo está morto em espírito?”





Leis

“Vocês sentem prazer em estabelecer leis. No entanto, se deleitam mais ao infringi-las.”





Liberdade

“Vocês só podem ser livres quando até mesmo o desejo de buscar a liberdade se tornar um arreio e quando deixarem de falar da liberdade como objetivo e realização.”





Razão e paixão

“Sua razão e sua paixão são o leme e as velas de sua alma navegante.”





Dor

“Assim como a semente da fruta precisa se quebrar para que seu cerne se revele ao sol, vocês precisam conhecer sua dor.”





Autoconhecimento

“O eu é um mar ilimitado e imensurável.”





Ensinare

“O mestre que caminha à sombra do templo, entre seus discípulos, não oferece sua sabedoria, mas sim sua fé e seu amor.”





Amizade

“Seu amigo é a resposta às suas necessidades. É o campo que você semeia com amor e colhe com gratidão. É sua mesa e sua lareira, pois vocês vão a ele com fome e buscam nele a paz.”





Conversa

“Vocês falam, quando deixam de se sentir em paz, com seus pensamentos; e quando já não podem permanecer na solidão de seu coração, vocês vivem nos lábios, e o som é uma diversão e um passatempo.”





Tempo

“Se em seu pensamento, vocês precisam medir o tempo por meio de estações, deixem que cada estação envolva todas as outras, e deixem que o presente envolva o passado com lembranças e o futuro com desejo.”





Bem e mal

“Posso falar do bem que há em vocês, mas não do mal,
pois o que é o mal, senão o bem torturado por sua
fome e sua sede?”





Oração

“Vocês rezam quando estão aflitos e em necessidade; que rezem também na plenitude de sua alegria e em seus dias de abundância.”





Prazer

“O prazer é uma canção de liberdade, mas não é a liberdade. É o desabrochar dos seus desejos, mas não é seu fruto. É a profundeza invocando a altura, mas não é o profundo nem o alto. É o engaiolado alçando voo, mas não é o espaço ao redor.”





Beleza

“A beleza é a eternidade olhando-se no espelho.”





Religião

“Não é a religião toda ação e toda reflexão, e aquilo que não é ação nem reflexão, mas o encantamento e a surpresa que brotam na alma, mesmo enquanto as mãos talham a pedra ou tecem no tear?”





Morte

“Vocês querem saber o segredo da morte, mas como descobri-lo a não ser que o busquem no cerne da vida?”

